

## SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA NO SEU CENTENÁRIO\*

Odilon Nogueira de MATOS

Sensibilizou-nos bastante a honrosa designação do Senhor Presidente da Academia para que falássemos sobre Sérgio Buarque de Holanda na sessão com que nosso sodalício comemorasse o centenário de um dos mais ilustres e saudosos acadêmicos, que, por vinte anos ilustrou esta Casa nela sucedendo ao nosso grande mestre Afonso de Taunay. É a segunda vez que nos é dado participar de uma comemoração relativa a Sérgio Buarque de Holanda. A primeira foi por ocasião dos seus cinquenta anos, portanto em 1952, num festivo jantar em conhecido restaurante suíço à rua Caio Prado, no qual a mesa principal foi ornamentada por diversos símbolos relativos aos títulos de seus livros. Gostaríamos de saber se em nosso auditório existirá alguém que tenha participado dessa comemoração de há cinquenta anos. E nem por um excesso de imaginação poderíamos admitir, naquela época, que, cinquenta anos depois, viessemos participar de nova homenagem a Sérgio Buarque de Holanda por ocasião de seu centenário, e desta vez cabendo-nos o privilégio de sermos o orador da cerimônia. É um privilégio próprio apenas dos que alcançam a propecta idade que, com a graça de Deus alcançamos.

De início, ficamos em dúvida quanto aos diversos “Sérgios” sobre os quais poderíamos falar: o escritor, o historiador, o humanista, o orientador, o professor, enfim o mestre; ou o velho amigo, companheiro inesquecível de tantos momentos agradáveis em tertúlias, congressos, seminários, bancas examinadoras, conferências; ou, em reuniões informais, com a sua prosa cativante, descambando não raro para o humorismo, a brincadeira, a crítica em momento algum ferina, mas sempre construtiva. Se na primeira forma poderíamos ser acusados de simplesmente repisar o

---

(\*) Conferência preferida na Academia Paulista de Letras, em sessão de 11 de julho de 2002.

que tantos outros mais credenciados já escreveram; na outra, em compensação, poderíamos cair no vulgar, de pouco interesse para quem não tivesse tido com ele o mesmo relacionamento. Acabamos optando pelas duas formas, sabendo dosá-las ou, melhor, dizendo um pouco de cada uma.

Para nós, de uma maneira geral, Sérgio Buarque de Holanda começa com “Raízes do Brasil”, livro publicado em 1936. Entretanto, um excelente trabalho de Francisco de Assis Barbosa, num belo volume publicado seis anos após o falecimento de Sérgio, reunindo matéria de primeira ordem apresentada numa Semana dedicada à sua memória - verdadeira poliantéia onde se encontra praticamente tudo sobre o nosso homenageado, fez-nos conhecer sua vida meio séria meio boêmia no Rio de Janeiro, fase que poderíamos chamar de “Pré-Raízes”, ou seja anterior ao seu primeiro livro, pois de fato o nosso Sérgio é o Sérgio “Pos-Raizes”. Pelo depoimento vivo e honesto de nosso saudoso Chico Barbosa, essa primeira fase não é para se ignorar e menos ainda desprezar, tal a quantidade de informações que nos transmite, constituindo capítulo rico de realizações que mereceriam maior divulgação na biografia de nosso homenageado.

De qualquer maneira, não é fácil falar sobre Sérgio Buarque de Holanda. E ao contrário do que em geral acontece em situações similares a esta, em que a dificuldade resulta da carência ou precariedade das fontes, o que ocorre com o nosso homenageado é justamente o oposto: a dificuldade reside na quantidade e na qualidade do que já se escreveu sobre ele. Parece-nos que Sérgio Buarque de Holanda, juntamente com Gilberto Freyre, tenham sido os dois autores, na área dos estudos históricos e sociais, sobre os quais mais se tem escrito. E com uma significativa diferença: enquanto que muito do que se escreveu sobre o sociólogo pernambuco reveste-se de um certo caráter contestatório - o que em nada diminui, é claro, pois já se disse que se deve destestar os livros com os quais se concorda do princípio ao fim... - tudo quanto já se escreveu sobre o historiador paulista, cujo centenário hoje comemoramos, é do mais expressivo significado no sentido de se reconhecer seu papel na historiografia brasileira, como foi sabiamente demonstrado por Antônio Cândido no excelente prefácio que escreveu para uma nova edição de “Raízes do Brasil”, seu primeiro livro, e que marcou época, tornando-se referencial não só para os temas que ele aborda, mas para a própria

identificação de seu autor. Embora tendo publicado diversos outros livros, todos importantes, como veremos neste ligeiro balanço, Sérgio Buarque de Holanda continua sendo citado sempre como o autor de “Raízes do Brasil”. Mais uma semelhança com Gilberto Freyre: apesar do muito que escreveu, o referencial para o seu nome é sempre como o autor de “Casa Grande e Senzala”.

De “Raízes do Brasil” escreveu Antônio Cândido no citado prefácio, ser um livro que “atravessou facilmente o período mais transformador dos estudos sociais no Brasil e se tornou um clássico. Para isso, houve bons motivos, pois é igualmente perfeito no estilo e preciso nas idéias. Só um historiador erudito e minucioso, mas ao mesmo tempo capaz de generalizar e descobrir as linhas fundamentais, poderia escrevê-lo, dando-lhe a eficiência que o tornou um dos estudos básicos para compreender a sociedade brasileira. Não espanta que os seus pontos de vista se tenham incorporado ao pensamento de uma geração, recebendo muitos deles a glória de se transformarem em conceitos de toda gente”. Isso que Antônio Cândido escreveu quando o livro tinha “quase trinta anos”, vale, sem dúvida, para hoje, quando ele tem quase setenta...

Sérgio Buarque de Holanda, ao pensar em termos de história brasileira, acertou começando pelas nossas raízes ibéricas, sem as quais dificilmente se compreenderia nosso processo histórico. Lendo seu livro inicial, poderíamos até esperar que outros viessem em continuação a esse. Mas, preferiu o autor derivar para assuntos paralelos, todos de igual significado para a compreensão desse processo histórico. A continuidade, certamente esperada, ele não no-la deu em obra exclusiva sua, mas numa grande obra coletiva, o vasto painel da “História da Civilização Brasileira”, confiada a colaboradores todos credenciados e de sua confiança, mas na qual o que poderíamos chamar de “pontos-de-engate” (permitam-nos esta expressão ferroviária) foram de sua responsabilidade. Voltaremos a ela daqui a pouco.

A reunião de diversos escritos, publicados em diferentes ocasiões e versando os mais variados assuntos, todos, porém, do mais alto interesse para as diversas áreas da cultura brasileira, propiciou ao nosso autor a oportunidade de mais dois livros - “Cobra de vidro”, de 1944 e “Tentativas de mitologia”, de 1979 - ambos assegurando um sentido de permanência a escritos que seria uma pena se ficassem perdidos nas folhas

amarelecidas dos jornais. O autor tem, às vezes, a preocupação de querer que o leitor separe o historiador do crítico, mas quem o conhece sabe que isso é impossível. Eis porque suas críticas não têm apenas o caráter circunstancial de páginas de ocasião, que no mais das vezes caracterizam os escritos dessa natureza, os quais, com raras exceções, não fazem jús a que o leitor os guarde; lê-se-os, concorda-se ou não com eles, apreciam-no-los mais ou menos de acordo com o conhecimento do livro criticado, e passa-se adiante sem que a crítica abale ou sequer influa nos critérios de julgamento. Com os escritos de Sérgio Buarque de Holanda é diferente. Ninguém pode ser insencível a eles, pois não são apenas crítica. Ao lado desta e naturalmente sem prejuízo desta, há toda uma soma de informações que se refletem num esclarecimento de questões duvidosas ou controvertidas, no enfoque superior de tantos pontos às vezes obscuros, enfim uma contribuição importantíssima para o melhor conhecimento dos temas abordados.

Às vezes o leitor até esquece que está lendo crítica a um determinado livro, especialmente quando este é de um Jaime Cortezão, de um Oliveira Viana ou de um Gilberto Freyre, entre outros. É claro que isto também do livro criticado. E ainda sob este aspecto o autor de “Tentativas de mitologia” foi bastante sábio ao escolher livros que lhe propiciassem o que dizer. Alguns exemplos bastarão: a discussão em torno do conceito de cultura, a propósito de uma obra de Oliveira Viana; os conceitos de geopolítica na expansão geográfica do Brasil, a propósito da documentação De Angelis, divulgada pelo historiador português Jaime Cortezão; as considerações em torno da sociedade patriarcal, a propósito da obra de Gilberto Freyre; os reparos a “Ingleses no Brasil”, do mesmo autor; os aspectos da sociedade rural em fase de transição, a propósito de um ensaio de Emílio Willems; as considerações sobre o barroco, à margem de um prefácio de Antônio Sérgio e de uma tese de Eduardo d’Oliveira França, e por aí afora, que teríamos que citar o livro todo, se a todos fôssemos enumerar.

O autor parece não ter revisto seus escritos. Reuniu-os no livro, tal como foram publicados na imprensa, o que certamente em nada os prejudicou, revestindo-se, ainda, no caso de Sérgio, por mostrar que os temas abordados, há tantos anos, não perderam a atualidade e, em muitos casos, nem sequer outros trabalhos foram publicados que justificasse uma mudança de atitude por parte do crítico.

Aos leitores que julgam que as críticas não merecem ser lidas senão no momento em que são publicadas, isto é, quando o livro criticado ainda é novidade, a leitura de “Tentativas de mitologia” servirá para a revelação de aspectos diferentes na produção de um escritor, dos maiores de nosso país, sobretudo quando se considera a segurança das proposições que enuncia, ainda que a propósito de ligeiras apreciações de obras que, talvez, tivessem passado despercebidas se delas não se ocupasse o autor do livro. Mencione-se, como uma das partes mais interessantes do volume, o extenso prefácio, que, longe de relatar apenas o porquê do livro ou a trajetória do autor, encerra significativa página sobre Graça Aranha, um pouco escondida, assim, daqueles que não têm o hábito de ler prefácios, por mais que se lhes recomende, lembrando que, muitas vezes, o texto se torna pouco claro sem a leitura atenta das páginas que o precedem. Poderá se apreciar, por exemplo, “Casa Grande e Senzala” sem o prefácio à primeira edição?

Em “Visão do Paraíso”, originalmente a tese de concurso para provimento da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o autor trata dos motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil. A visualização edênica relativa às terras descobertas e colonizadas pelos europeus e que constitui, inegavelmente, um dos traços marcantes do espírito renascentista, encontrou no Brasil seu maior campo de interesse. É o que nos mostra toda uma vasta literatura, sabiamente compulsada pelo autor para o preparo deste livro, que constitui, sem dúvida, uma obra de alto valor - quer pela erudição, quer pela conceituação dos problemas que dela decorrem - diríamos mesmo um livro único na bibliografia brasileira. Diversos autores têm feito referências ao edenismo. Vale citar, entre outros, o belo ensaio de Afonso Arinos de Melo Franco intitulado “O índio brasileiro e a Revolução Francesa” (1937), no qual se estuda a presença brasileira no pensamento europeu dos séculos XVI, XVII e XVIII e especialmente nas obras de Morus, Montaigne e Rousseau. Lembremos, “en passant”, que Afonso Arinos foi um dos examinadores no concurso de Sérgio Buarque de Holanda.

Todavia, a obra de nosso autor mostra-nos, entretanto, numa visão de conjunto, tudo o que se passava e se escrevia na Europa acerca do Brasil e da América em geral, tendente a mostrar as terras americanas em nova visão paradisíaca. Lembremos, também de passagem, que este

tema do edenismo tem aparecido com frequência em autores modernos, cabendo citar, por justiça, o que já tem sido publicado pelo nosso preclaro confrade Hernâni Donato.

Nosso saudoso Ernani Silva Bruno, que, como todos sabem, deixou uma obra também de muito valor no campo da historiografia, principalmente com relação a São Paulo, comprazia-se com um tema que ele pitorescamente denominava “história das pequenas coisas”: o artesanato, a medicina caseira, a caça, a pesca, as pequenas atividades agrícolas, o laser - enfim, temas que raramente aparecem sequer mencionados no que se chamaria a “grande história”, mas que, em seu conjunto, contribuem - e muito - para a real caracterização de um estágio de nossa cultura.

Sérgio Buarque de Holanda foi sensível também a essa motivação, a ela dedicando todo um livro “Caminhos e Fronteiras”, também divulgado por José Olympio em sua preciosa coleção “Documentos Brasileiros”. Os simples títulos das três partes em que se divide o livro explicam, sem necessidade de comentários, o seu conteúdo e o seu interesse: “Índios e Mamalucos”, “Técnicas rurais” e “O fio e a teia”. Publicado originalmente em 1957, obteve reedição com alguns acréscimos em 1975. Sua razão de ser está no próprio prefácio: “A lentidão com que no planalto paulista se vão impor costumes, técnicas ou tradições vindos da metrópole terá profundas conseqüências. Desenvolvendo-se com mais liberdade e abandono do que em outras capitânicas, a ação colonizadora realiza-se aqui por uma contínua adaptação a condições específicas do meio americano. Por isso mesmo não se enrija logo em formas inflexíveis. Retrocede, ao contrário, a padrões primitivos e rudes: espécie de tributo pago para um melhor conhecimento e para a posse final da terra. Só aos poucos, embora com extraordinária consistência, consegue o europeu implantar num país estranho algumas formas de vida que trazia do Velho Mundo”.

Assunto que realmente não poderia faltar na obra de Sérgio Buarque é o episódio das monções, expedições fluviais (via Tietê e Paraguai) para o Centro-Oeste do Brasil, um dos poucos casos de utilização dos cursos d’água na expansão bandeirante. Há muito, já afirmara o sempre lembrado Alfredo Ellis Júnior que as bandeiras paulistas evitavam as vias fluviais, mesmo na região das Minas Gerais, onde o São Francisco parecia

oferecer uma via natural de penetração, mas tendo sido muito pouco utilizado. Das “Monções”, episódio verdadeiramente cinematográfico de nossa História, não julgamos necessária nenhuma observação especial, pois dele já nos ocupamos em conferência proferida neste mesmo local.

Registremos apenas que a ele nosso autor dedicou dois livros: o primeiro, com o próprio título de “Monções”, publicado em 1945 e reeditado trinta anos depois com numerosos acréscimos e ainda ilustrações. E já no fim de sua vida, pois foi, de fato, seu último livro, que nem chegou a terminar e ao qual foi dado o título de “Extremo-Oeste”.

O primeiro, pode-se afirmar sem dúvida ser o que mais completo se escreveu e publicou sobre o episódio. Nele, o capítulo terceiro dá-nos a impressão de um perfeito “guia de viagem”, fazendo lembrar, guardadas naturalmente as proporções, o que conhecemos hoje como “Quatro Rodas” para as rodovias ou o velho “Guia Levy”, para as ferrovias. Parece-nos ver o autor percorrendo a histórica rota, tal a documentação por ele utilizada para a reconstituição da paisagem: locais de arribação, acidentes geográficos de mais variada natureza, recursos vegetais e animais, detalhes técnicos sobre as embarcações, recursos para provimento dos viajantes, informes precisos sobre os rios utilizáveis, terminando o livro com um capítulo sobre o comércio em Cuiabá. Registre-se que o autor não se limitou à documentação em nossos arquivos, com algumas peças até já publicadas. Visitou três vezes Cuiabá para pesquisar em seus arquivos, resultando o que se poderá considerar, sem exagero, uma obra definitiva sobre esse heróico episódio de nosso passado.

Sobre o tema estava escrevendo novo trabalho que tudo indicava seria de vulto, quando o abandonou para atender a outros compromissos. E acabou deixando-o incompleto quando a morte o colheu, em 1982. Bem andou a família confiando a José Sebastião Witter os originais do que veio a ser, assim, o último livro de nosso grande historiador, publicado quatro anos após o seu falecimento. Witter, que tão bem conheceu Sérgio e por quem demonstrou sempre enorme carinho, desvelou-se em cuidados extremos na revisão do livro sugestivamente intitulado “O Extremo Oeste”. A necessidade de proceder à revisão do texto levou Witter a se referir, no prefácio, a um dos traços curiosos da personalidade do grande historiador: o cuidado com que ele revia seus escritos, sempre à procura de uma forma mais adequada, mais clara, mais

consoante com o que ele queria dizer. Não era simplesmente a preocupação de perfeccionismo. Não. Witter o diz bem: “Se por um lado existe em Sérgio a perspicácia, a sutileza e a agudeza de percepção sempre reveladora, por outro está o rigor do estilista que busca e rebusca até encontrar a melhor forma de apresentar, com propriedade, aquilo que encontrou nos documentos”.

Informa o prefaciador que Sérgio certamente faria algumas revisões antes de entregar o livro à publicação. Mas não as fez. É ainda Witter quem nos dá conta de sua tarefa: “Era meu desejo não alterar nada; contudo, foi necessária a intromissão na obra do mestre para evitar algumas repetições de palavras, que ele jamais faria e também alguns pontos onde o argumento provava que o documento utilizado não fora corretamente transcrito”. E cita vários exemplos a que se viu obrigado a proceder.

Retomamos agora tema já anunciado no início desta palestra: a grande “História Geral da Civilização Brasileira”, importante obra coletiva editada pela Difusão Européia do Livro, que havia pouco editara com grande êxito uma extensa “História Geral das Civilizações”, sob a direção de Maurice Crouzet. Entendeu a editora de ampliar sua iniciativa publicando obra semelhante com relação ao Brasil e incumbindo de seu planejamento a Sérgio Buarque de Holanda, que tratou imediatamente de selecionar o grupo de colaboradores com especialistas credenciados para os diversos temas que a obra comportaria. Nada menos que 52 autores atenderam ao apelo, inclusive aquele que vos fala, incumbido de dois capítulos, um sobre a Guerra dos Emboabas e outro sobre as vias de comunicação no tempo do Império.

Importante esta observação do orientador, no prefácio e que bem traduz o caráter da obra: “Tendo-se em conta o fato dos colaboradores, procentes de vários pontos do Brasil e, ocasionalmente até do estrangeiro, serem, na maioria dos casos, de formação e orientação diversas, alcançou-se, não obstante, uma concatenação apreciável entre as diferentes partes da obra”.

Estendeu-se a obra por sete volumes em grande formato, bem nos moldes da coleção francesa que lhe serviu de modelo e publicados entre 1960 e 1972. O próprio diretor da coleção declarou ter escrito mais do que esperava por ter de suprir alguns convidados que, à última hora,

desistiram da incumbência. A parte dirigida por Sérgio Buarque de Holanda compreende até o Império, sendo o último volume, extenso de mais de 400 páginas, todo de sua lavra. Trata ele da desagregação da ordem monárquica, tenha sempre muito de seu agrado. Não se interessando nosso historiador pela parte referente à República, foi ela confiada a Boris Fausto, que, também com excelente grupo de colaboradores, responsabilizou-se por mais quatro volumes publicados entre 1975 e 1984.

O livro didático para o ensino da História do Brasil também despertou o interesse de nosso historiador, elaborando com esse objetivo, e em colaboração com Otávio Tarquínio de Souza, cremos que dois volumes, excelentes como tivemos oportunidade de verificar, mas que, devido às freqüentes reformas do ensino secundário em nosso país, tiveram pequena circulação por não atenderem rigorosamente aos novos programas.

Seu conhecimento da língua alemã permitiu-lhe pôr ao nosso alcance duas importantes obras de nossa xenobibliografia: as “Memórias de um colono no Brasil”, de Thomas Davatz e a “Etnologia sul-americana”, de Wilhelm Schmidt, publicadas, respectivamente, pela Editora Martins na preciosa “Biblioteca Histórica Brasileira” e pela Editora Nacional, na coleção “Brasíliana”.

Capítulo ou tópico que não poderia faltar numa apreciação, ainda que ligeira como esta, da obra de Sérgio Buarque de Holanda é o seu relacionamento com pessoas e instituições de outros países. Seu primeiro contato com o exterior ocorreu em 1929, quando, atendendo a uma sugestão de Assis Chateaubriand, viajou para a Europa com o propósito de visitar a Alemanha, a Polônia e a Rússia. Aliás, pelo que sabemos, não chegou a ir à Rússia, tendo fixado residência em Berlim, onde atuou como correspondente de jornais brasileiros, bem como teve a seu cargo a seção em língua portuguesa de importante revista alemã, órgão do Conselho de Comércio Brasileiro de Hamburgo, na qual publicou artigos relativos à economia e à história do Brasil. E ainda aproveitou o tempo para freqüentar, embora de maneira irregular, aulas de História e Ciências Sociais do Professor Friedrich Meineck. E chegou até a traduzir filmes alemães, entre eles o famoso “Anjo Azul”, estrelado por Marlene Dietrich. A ascensão do nazismo criou situação pouco favorável à sua permanência na Alemanha, razão de ter apressado seu regresso ao Brasil em fins de 1930.

Em 1941 esteve nos Estados Unidos, onde participou de atividades em algumas universidades. Em 1949 retornou à Europa, tendo pronunciado conferências na Sorbonne (Paris) e participado de um comitê organizado pela Unesco com o fito de discutir o conceito de democracia. Em 1950, integrou uma delegação brasileira ao 5º Colóquio de Estudos Luso-brasileiros, reunido em Washington para comemorar os 150 anos da “Biblioteca do Congresso”. Em 1950, já residindo em São Paulo, seguiu com a família para a Itália, onde atuou por dois anos como professor da Cadeira de Estudos Brasileiros da Universidade de Roma. Nesse período teve oportunidade de diversas atividades culturais em outras cidades da Itália e da Suíça. Anos mais tarde (1963), já professor da Universidade de São Paulo, foi convidado a ministrar um curso de História do Brasil na Universidade do Chile e, nos anos seguintes, por mais duas ou três vezes retornou aos Estados Unidos, sempre em missões culturais.

De todas essas viagens e missões resultou-lhe excelente relacionamento com historiadores diversos desses países. E, como se não bastasse, lembremos que alguns de seus livros, especialmente “Raízes do Brasil”, mereceram traduções para diversas línguas, inclusive o japonês.

Neste “balanço” da obra de Sérgio Buarque de Holanda que acabamos de apresentar, com evidentes lacunas por não termos à mão todo o material necessário para tal empreendimento, limitamo-nos ao que foi publicado em livros (Livro, no dizer do velho parnasiano Alberto de Oliveira é só o que pára em pé na estante...). Deixamos de lado a imensa colaboração em revistas culturais da mais variada natureza, em artigos na imprensa, em obras coletivas, nos prefácios a vários livros, em peças de circunstância, enfim em trabalhos que não apenas devem ser somados à sua produção, mas que dão ela um caráter acentuadamente cultural e de grande utilidade, diríamos até necessidade, para o balanço final na obra de mestre. Para que se tenha uma idéia de sua produção, bastará mencionar que a sua bibliografia organizada por Rosemarie Erika Horch (certamente ainda com lacunas) compreende “simplesmente” 32 páginas em corpo miúdo e grande formato. Poucos escritores no Brasil terão escrito tanto... e tão bem.

Para remate desta apreciação de sua obra, seja-nos permitido, mais uma vez, apelar para Antônio Cândido, em dois tópicos muito significativos. Da pessoa: “De Sérgio Buarque de Holanda deve-se falar

com a mesma alegria que ele sempre manteve. Nunca houve homem mais sábio, nunca houve homem mais erudito, nunca houve homem de maior seriedade intelectual. Mas também nunca houve ninguém mais brincalhão, alegre e até moleque, quando fosse o caso. Ele era uma dessas grandes personalidades da geração de 1922, de um tipo que infelizmente está acabando no Brasil. Personalidade complexa e irreverente, de uma humanidade transbordante, cheia de simpatia humana e generosidade, marcada pelo encanto dos aspectos contraditórios. Essa personalidade se reflete de certo modo na sua obra, também vária e complexa que será analisada de ângulos os mais variadas pelas gerações de estudiosos”.

Da obra: “No entanto, a obra de Sérgio não é muito abundante. Num país onde se escreve demais, ele escreveu relativamente pouco. Ao contrário da precocidade nacional, dos que começam a produzir com 18 anos e morrem com 25, ele publicou seu primeiro livro aos 34, já em plena maturidade, apesar de ser um sabedor profundo desde muito jovem. A partir daí, pode-se dizer que soube modular admiravelmente a sua maturidade, variando as abordagens e os modos. Quero dizer que cada livro dele parece uma experiência diferente, como se ele fosse o descobridor de muitas terras, desde as técnicas de tecer ou as de pilar mandioca, até as elocubrações mais requintadas da crítica literária; desde a descrição minuciosa da ocupação do espaço físico, até a metodologia da história. De modo que a extraordinária riqueza da obra faz a gente pensar na riqueza equivalente da personalidade. A personalidade rica e vária parece estar dentro da obra. A obra exprime a variedade desse homem excepcionalmente bem dotado”.

Após a apreciação ainda que ligeira de sua obra, concluiremos nossa fala com uma referência a diversas outras atividades de nosso homenageado. Sucedeu a Taunay na direção do Museu Paulista, como sucedeu também a ele numa das cadeiras de nossa Academia. Na realidade, foi a direção do Museu que o trouxe de volta a São Paulo. Fundador e primeiro diretor do Instituto de Estudos Brasileiros. Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e, depois, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde formou excelente equipe de colaboradores, todos de atuação marcante no panorama atual da historiografia brasileira.

Uma referência à função de Sérgio Buarque de Holanda à frente da Cadeira de História da Civilização Brasileira na Universidade de São Paulo nos levará necessariamente à apreciação dos resultados magníficos que se contam a seu favor nos muitos anos de seu magistério. Formou escola, podendo-se ter certeza de que seu ensino, sua experiência, seu espírito, sua cultura e o sentido humano de sua personalidade serviram de inspiração aos seus discípulos e de estímulo para que continuassem sua obra. Fato altamente simpático e de alto sentido humano consistiu na instituição anual de uma “semana” dedicada à sua memória, com evocações de sua vida e obra. Os programas de algumas delas, talvez mesmo de todas, não constituem apenas uma preocupação de lembrar o mestre com os comentários à sua obra, mas acima de tudo, uma preocupação de demonstrar que seus ensinamentos não foram em vão. Não sabemos de nenhum outro intelectual de nossa área que tenha merecido de seus discípulos tal dedicação, diríamos mesmo tal consagração. E despertando interesse de figuras expressivas de outras regiões do Brasil.

Temos à vista o volume contendo a matéria resultante da “Primeira Semana”, realizada logo no ano seguinte ao de seu falecimento. Nele colaboraram quase todos ou talvez mesmo todos os professores do Departamento de História e mais Antônio Cândido e Francisco de Assis Barbosa. Destas duas ínclitas figuras de nossa cultura já nos utilizamos no decorrer desta nossa evocação. E pedimos vênias para mais uma transcrição, desta vez de uma de suas mais dedicadas discípulas, Maria Odila da Silva Dias:

“Pode-se dizer que toda a sua obra foi construída em torno do conceito de tempo, continuidade e mudança no processo de vir a ser. Para Sérgio Buarque de Holanda a história era o centenário vivo das ciências humanas, reconstruídas do prisma de sua temporalidade (...) Em sua obra trabalhou temas dinâmicos relativos à interpenetração da paisagem, da sociedade e da cultura (...) Desvendou os mais sutis temas na exiguidade das fontes coloniais com a temeridade de quem não hesitava enfrentar os desafios dos nexos entre costumes e valores culturais”.

Nosso convívio, iniciado ainda ao tempo do Museu Paulista, acentuou-se cada vez com o correr do tempo. Tivemos o privilégio de substituí-lo (ou melhor sucedê-lo, pois é difícil substituir a Sérgio) na Cadeira de História Econômica do Brasil, da Escola de Sociologia e Política

de São Paulo, cadeira, como é sabido, fundada por Roberto Simonsen quando da criação da Escola, em 1933, antes, portanto, da fundação da própria Universidade de São Paulo. Honrou-me ele, por diversas vezes, com convites para integrar comissões examinadoras de vários de seus doutorandos. Participamos, por diversas vezes, de reuniões culturais, inclusive bancas de concurso, em diversos lugares do Brasil, usufruindo ao máximo de sua excelente companhia, agradável e sobretudo informal, como deixamos dito desde o início, mas sempre transmitindo ensinamentos, pois ninguém saía de seu lado sem aprender alguma coisa. E em qualquer lugar onde ocorresse a oportunidade. Como lembrou Witter, desde os corredores e as escadas do Departamento de História até os auditórios mais cerimoniais ou solenes. Ou, ainda, em sua acolhedora casa da rua Buri, onde a participação da querida Maria Amélia sabia dar um toque de profunda humanidade ao convívio de quem os procurasse. E tivemos o privilégio de ser um desses.